

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS – UAG**

**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**WELLINGTON HUGO LIMA FREITAS SOUTO**

**A AMBIGUIDADE SOB A ÓTICA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**WELLINGTON HUGO LIMA FREITAS SOUTO**

**A AMBIGUIDADE SOB A ÓTICA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

**Orientador:** Profº Dr. Eudes da Silva Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S728a

Souto, Wellington Hugo Lima Freitas Souto

A AMBIGUIDADE SOB A ÓTICA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM / Wellington Hugo Lima Freitas Souto  
Souto. - 2019.

54 f. : il.

Orientador: Eudes da Silva Santos.

Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em Letras  
(Português e Inglês), Garanhuns, 2020.

1. Ambiguidade. 2. Estilística. 3. Linguagem. I. Santos, Eudes da Silva, orient. II. Título

CDD 410

---

**WELLINGTON HUGO LIMA FREITAS SOUTO**

**A AMBIGUIDADE SOB A ÓTICA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. Eudes da Silva Santos

Garanhuns, 18 de dezembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Eudes da Silva Santos

Orientador – UFRPE/UAG

---

Prof<sup>a</sup>. M.a. Emanuelle Camila M. de Melo Albuquerque Lima

Examinadora – UFRPE/UAG

---

Prof. Dr. Rafael Bezerra de Lima

Examinador – UFRPE/UAG

## AGRADECIMENTOS

Por toda força fornecida por minha família, que depositou em mim todos os desejos de sucesso de forma pura e altruísta, sem qualquer cobrança, sempre com toda esperança possível. À minha mãe Maria a qual sou grato por me proibir de olhar para baixo; ao meu pai Wellington o qual me orgulho de incluí-lo novamente em um trabalho acadêmico; à minha irmã Ruth a qual me espelho por sempre ser mais do que pode ser; ao meu irmão Yuri que ensina ao mais velho a capacidade de vencer desafios; à minha tia Leda, que me dá a honra de ser uma segunda mãe neste plano.

Por toda experiência fornecida pela Unidade Acadêmica de Garanhuns, que de forma segura pode brandir a sua excelência diante profissionais que me proporcionaram a real experiência de ser universitário. Aos professores: Eudes por ter me orientado neste trabalho e ter garantido minha autonomia durante toda a sua execução; Rafael e Manu que sempre serão referências em minhas ambições de desenvolvimento no estudo da linguística; Ângela, a minha admiração por toda confiança conferida a mim durante várias etapas no curso; Juliene, por mostrar uma postura profissional e pessoal a qual irei seguir; Diana por ser a luz de otimismo em um curso noturno; Nilson e sua incrível capacidade de surpreender; Márcia por sua força em erguer pessoas; Sálvio, por ser exemplar em mostrar alegria das coisas mais simples; Oséias, por ter apresentado os maiores desafios da academia e minha capacidade de combatê-los; Monalisa por sua incrível humildade; Gonzaga, por ser um tão próximo no alto de seu intelecto.

A todos os amigos que a faculdade trouxe e que não se limitaram à minha turma, por cada valor único que com eles adquiri tacitamente, em especial: João Pedro, Misselane, Jean, Rayanna, Melqui, Lincon, Renato, Carlos Henrique, Valmir e Edivan por de formas únicas terem participado na minha evolução pessoal.

*“Estar de acordo nem sempre significa compartilhar uma razão”*

José Saramago

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo abordar a ambiguidade como um fenômeno linguístico presente nos mais diversos meios de leitura, porém como pouca visibilidade em seus estudos, sendo assim apresentado como um reforço ao conhecimento da ambiguidade através de seu respaldo histórico, sua percepção no sistema cognitivo e tipificações, com posteriores exemplificações sobre a sua presença em diversos textos dos mais variados gêneros, que confirmam a sua frequência em nossas práticas de linguagem. O conteúdo da pesquisa foi desenvolvido em sua base qualitativa e bibliográfica, possuindo como referencial teórico estudiosos como: Ferreira (2000), Miotto (2007), Kenedy (2013), Cançado (2012), dentre demais autores nacionais e internacionais. Os resultados da pesquisa ressaltam um fenômeno de incrível capacidade de ampliar significados, que exige cuidados em seu uso para alguns (como qualquer figura de linguagem) como também resalta as particularidades para outros, como em uma publicidade mais eficiente ou uma poética mais exuberante. Desse modo, o estudo realça um importante fenômeno linguístico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ambiguidade; Estilística; Linguagem.

## **ABSTRACT**

The present undergraduate thesis aims to approach an ambiguity as a linguistic phenomenon present in the most diverse means of reading, but with little visibility in its studies, and thus it is adopted as a reinforcement to the knowledge of ambiguity using its historical support, its perception in the cognitive system and suggestions, with later examples of their presence in various texts of various genres, which confirm their frequency in our language practices. The research content was developed in its qualitative and bibliographic basis, having as theoretical reference scholars such as: Ferreira (2000), Miotto (2007), Kenedy (2013), Cançado (2012), among others national and international authors. The research results highlight a phenomenon of incredible significant magnification that requires care in its use for some (like any figure of speech), but must also be considered as a particularity for others, such as more efficient advertising or more poetic lush. Thus, the study highlights an important linguistic phenomenon.

**KEYWORDS:** Ambiguity; Stylistic; Language

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2 AS FACES DA AMBIGUIDADE .....</b>	<b>11</b>
2.1 AMBIGUIDADE NA HISTÓRIA.....	13
2.2 “DOIS EM UM”.....	16
2.2.1 Ambiguidade como figura de linguagem.....	16
2.2.2. Questões Semânticas.....	18
2.3 POLISSEMIA E HOMONÍMIA.....	20
2.3.1 Polissemia.....	20
2.3.2 Homonímia.....	23
2.3.3 Comparação entre Polissemia e Homonímia.....	26
2.4 VAGUEZA.....	27
<b>3 TIPIFICAÇÃO DA AMBIGUIDADE.....</b>	<b>30</b>
3.1 AMBIGUIDADE LEXICAL.....	30
3.1.1 Divergência na ambiguidade lexical no tocante à disjunção.....	31
3.1.2 Ambiguidade lexical <i>versus</i> vagueza por indeterminação do significado.....	32
3.2 AMBIGUIDADE ESTRUTURAL (SINTÁTICA).....	33
3.3 AMBIGUIDADE DE ESCOPO (SEMÂNTICA).....	34
3.4 OUTRAS FORMAS DE AMBIGUIDADE.....	35
3.4.1 Ambiguidade por correferência.....	35
3.4.2 Ambiguidade por atribuição de papéis temáticos.....	36
3.4.3 Ambiguidade por construções com gerúndios.....	37
3.4.4 Ambiguidade pragmática.....	38
<b>4 REFLEXÕES SOBRE ENUNCIADOS AMBÍGUOS.....</b>	<b>40</b>
4.1 CASOS DE AMBIGUIDADE NÃO RECOMENDADA.....	40
4.1.1 “Slogan atípico de um governo atípico”.....	40
4.1.2 “Quilos de dubiedade”.....	42

4.1.3 “Uma condecoração entre a vida e a morte”.....	43
4.1.4 “Leitura adulterada”.....	44
4.2 CASOS DE APLICAÇÃO DE AMBIGUIDADE.....	45
4.2.1 “Essa salada é minha”.....	45
4.2.2 “Uma coisa leva a outra”.....	47
4.2.3 “Eu te amo”.....	48
4.2.4 “Plurissignificação”.....	49
5 CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS.....	52

## 1 INTRODUÇÃO

Um recurso linguístico de importantes dimensões, a ambiguidade possui diversas aplicações nos mais variados textos, no entanto, seu estudo apresenta uma certa mitigação quanto à apreciação de todos os seus detalhes. O trabalho, desse modo, visa ampliar a relevância ao estudo do tema, demonstrando a ambiguidade como um conteúdo maior e relevante que simples definições etimológicas. Afinal, dentro de uma formação acadêmica, a exploração de um estudo não se resume a descobertas, assim como abordagens não se limitam a simples confirmações de teorias. A instigação consequente do título acadêmico convida ao estudo de um tema com tantos componentes importantes ao estudo da linguística, com evolução histórica e construções constantes de ideias.

Trazer um estudo mais detalhado da ambiguidade significa contribuir ao campo linguístico no mínimo com a atenção merecida a sua abordagem, e como acadêmico, a permissibilidade concedida com o campo de estudo para a aplicação dos mais diversos conhecimentos adquiridos com a formação, inseridos no trabalho de forma íntima e precisa.

A pesquisa neste trabalho é procedida com revisões bibliográficas que concernem à ambiguidade, tratando desde sua construção histórica com os estudos clássicos à sua configuração em abordagens linguísticas mais recentes. O estudo se vale de pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico por Flick (2013, p. 23) que descreve como prefere a coleta de dados em pequenos números, “A coleta de dados é concebida de uma maneira muito mais aberta e tem como objetivo um quadro abrangente possibilitado pela reconstrução do caso que está sendo estudado”. A pesquisa assim visa provocar o diálogo com o público interessado, provocar a reflexão sobre a necessidade de um estudo mais detalhado da ambiguidade através de uma pesquisa centralizada em dados específicos.

Não se atendo a apenas um amparo teórico, o estudo também é contornado com exemplificações que apresentam o fenômeno da ambiguidade através de gêneros textuais distintos, tendo em vista a intenção de um estudo especificado da ambiguidade é relacionada com as suas possibilidades, sem domínios discursivos específicos, pois a intenção é apresentar a difusão do fenômeno em textos direcionados aos mais variados leitores.

O conteúdo deste trabalho é composto por duas seções de conteúdo teórico: o primeiro com descrições da ambiguidade, sua progressão histórica e suas manifestações nos

estudos linguísticos; seguido de seção que aborda os vários tipos de ambiguidade. Há também um seção, que baseado na força teórica dos dois antecessores, exemplificará em textos de diversas natureza conteúdos ambíguos.

A título de referencial teórico se encontram presentes: Ferreira (2000), Miotto, Silva e Lopes (2007), Kenedy (2013), Cançado (2012), e demais autores de contribuições também singulares para a construção deste trabalho.

## 2. AS FACES DA AMBIGUIDADE

Seja em uma simples instrução sem grandes formalidades, seja em grandes construções textuais que deliberam de forma absoluta sobre direitos e deveres de toda uma sociedade, as palavras exprimem intenções diversas e são assim selecionadas para que buscam estabelecer os mais diversos modos de relacionamento. É primordial o saber dos conceitos abordados neste trabalho de como o diálogo, recurso que permite o recebimento interpretação de informações, não deve ficar unicamente compreendido em um ato realizado apenas entre duas pessoas, mantendo assim entre elas apenas a comunicação o seu aprimoramento que resulta na linguagem e a importância de detalhes que não se limitem aos códigos.

Como fonte na linguagem, a comunicação não se encontra apenas ancorada em conjuntos de palavras, não funciona como os artificiais comandos computacionais, os que trabalham com precisão permanente e que incorrem necessariamente em falhas com formulações equivocadas. O fator humano permite a elaboração de meios que ultrapassam a simples união de palavras para a transmissão de informações, é algo que refina e difere da comunicação animal com seus objetivos de sobrevivência. Assim, manipulamos, contradizemos, brincamos e esclarecemos as pretensões alheias através de organizações lexicais, seja com uma variação que exija tempo e análise para sua aplicação, seja decorrente da ocasional involuntariedade.

Tal forma de flexibilidade do texto pode ser classificada pelos estudos semânticos como figuras ou vícios de linguagem, sendo aquele referente a mudanças no texto motivadas por estilo ou economia lexical, ponto forte das línguas naturais; já os vícios como fatores prejudiciais à comunicação dada a imprecisão ou contrariedade de seu conteúdo. No entanto, a ambiguidade, como um instituto mórfico do sentido, merece uma análise aprimorada e reafirmação de sua definição perante as curvas linguísticas acima apresentadas: a ambiguidade.

Embora possua definições consolidadas em diversas gramáticas, observa-se que o fenômeno da ambiguidade não possui uma apreciação notória em todos os seus ângulos, sua aplicação nas escolas é mitigada se não ausente em materiais escolares. Não são apenas esses obstáculos a uma compreensão digna de um fenômeno tão rico, pois é possível encontrar diversos enquadramentos da ambiguidade que podem levar a confusão quanto a sua aplicabilidade, podendo ser encontrada como figura de linguagem em algumas gramáticas e

como vício em outras, posicionamento que será revisto com a condução deste trabalho e sua fundamentação teórica.

A ambiguidade que resulta em acréscimos semânticos e observações mais rigorosas, que possui uma complexa série de classificações e principalmente interações nos mais variados gêneros textuais, torna inconcebível uma análise superficial, que se resume a apenas em algumas frases dar significado ao instituto.

Através de suas intervenções concretas, a ambiguidade na comunicação ressalta a função do texto no ponto de sua natureza comunicativa e a sua projeção no meio social. Algo que remete à concepção interacional (dialógica) da língua, que como Koch (2015, p. 34) define é a visão por parte dos atores/construtores sociais, ao construir e ser construídos com o texto. Afirma ainda a mesma autora: “o sentido da escrita, portanto, é produto desta interação, não resultado apenas do uso do código, nem tão-somente das intenções do escritor. Numa concepção da escrita assentada na interação o sentido é um *constructo*, não podendo, por conseguinte, ser determinado *a priori*” (2015, p. 35).

Koch (2015, p. 76-79) apresenta conceito importante da comunicação que norteará o entendimento da recepção de informação ambígua, e sua conseqüente interpretação, ao detalhar quanto as partes na comunicação:

- a) Quanto ao emissor: “O produtor de texto recria o mundo sob uma dada ótica ou ponto de vista, dependendo de seus objetivos, crenças, convicções ou propósitos” (2015, p. 76). No caso as palavras da formulação interna (através das estruturas das palavras e sistemas de interface que serão abordados neste trabalho) a sua externalização inicialmente compreende apenas na intenção desta parte, com a formulação de mensagem de dupla sentido ou este ocorra involuntariamente depende da recepção desta e a coincidência dos pontos apresentados acima.
- b) Quanto ao receptor: se valerá da inferência para compreensão do proposto pelo emissor: “Inferência é a operação pela qual, utilizando seu conhecimento de mundo, o receptor (leitor/ouvinte) de um texto estabelece uma relação não explícita entre dois elementos (normalmente frases ou trechos) deste texto que ele busca compreender e interpretar” (2015, 79). E com essa recepção a possível ambiguidade fica compreendida no texto, com sua resolução imediata ou com a escolha do sentido alternativo proposto.

Apresentada a importância no estudo amplo da ambiguidade, torna necessariamente importante destacar suas aplicações em vários momentos da história.

## 2.1. AMBIGUIDADE NA HISTÓRIA

Como explanado anteriormente, a percepção da ambiguidade no âmbito linguístico não é algo que se iniciou em períodos próximos, sendo encontradas suas reflexões na história, principiando na antiga Grécia.

Iniciada com a reflexão entre noção e palavra, menciona Peixoto (2009, p. 3) o discernimento feito pelos gregos ao dividir a visão da língua e suas constantes evoluções no grupo social. Assim, enquanto a teoria naturalista definia as constantes mudanças da língua como fator natural, que não cabia aos homens que a exercia, na visão convencionalista a união de práticas de comunicação dos homens era o que alterava as palavras e seus significados, o que elege a proposta convencionalista mais de acordo com aspectos de criatividade e economia de palavras que cercam o léxico em uma língua natural.

A perspectiva do convencionalismo prevê a necessidade do homem em formular palavras que condensem todo conteúdo léxico, dando importância ao contexto e a capacidade criativa com a flexibilidade de palavras, não como algo já determinado e de coincidências não sabidas pelos falantes. Lyons (apud PEIXOTO, 2009, p. 3) discerne sobre o convencionalismo e confirma a participação humana sobre a determinação da própria linguagem: “dizer que era convencional equivalia a dizer que ela era o mero resultado do costume e da tradição, isto é, de algum acordo tácito, ou “contra o social”, entre os membros da comunidade – “contrato” que, por ter sido feito pelos homens, podia ser pelos homens violado”.

Aristóteles (384-322 a.C.), importante pilar teórico às mais diversas ciências que abordam o pensamento, buscava na ambiguidade uma preocupação com a significação das palavras, como recorda Ferreira (2000, p. 49), sobre a relação de suas questões da significação, que serviria de base para estudos sobre a diferença de línguas artificiais das naturais. Esse raciocínio foi o que permitiu um traço distintivo entre línguas naturais e artificiais, como também ressalta a autora.

Esses estudos aristotélicos não se contentam a sua época, sendo objeto de análise em períodos próximos à Idade Média com o questionamento sobre a duplicidade de significados

quanto aos verbos modais formulado nos estudos de Santo Agostinho (354-430), como é explorada por Neves. A natureza desse verbo permitiu reflexões sobre seu provável uso ambíguo diante a dualidade de vincular ou facultar mais de uma ação, ocorrendo em frases como exemplifica a autora: “uma pessoa sentada pode andar” (NEVES, 2000, p. 116, grifo nosso). O filósofo com base nos estudos gregos contribuiu para formular dois significados que se aplicam ao verbo poder, como também relata Neves (2000, p. 118):

- a) Significado de raiz ou pessoal (*de re*): que trata da capacidade ou habilidade e permissão, assim pode ser interpretada no exemplo como uma pessoa poderia estar sentada e andando ao mesmo tempo, tendo em vista o termo andar tratar dessa possibilidade.
- b) Significado epistêmico ou impessoal (*de dicto*): tratará apenas da simples possibilidade, na qual uma pessoa sentada pode andar por este fato estar intrínseco a ela, e não pela condição de andar, sendo “poder” visto mais como uma capacidade.

Na Idade Média, duas correntes de base cristã também discerniam sobre a aplicação da ambiguidade, porém com foco na sua admissibilidade de uso nos mais diversos textos da época, que se dividia entre a rígida preservação de um conteúdo linear e transparente contra uma possibilidade de seleção de sentidos e a preservação do significado diante a pluralidade, a discussão entre jesuítas e jansenistas, respectivamente, ocorrida no século XVI como resgata o conhecimento por Ferreira (2000, p. 54).

Os jansenistas não dispensavam todas as manifestações de ambiguidade, pois defendiam que nas expressões cabe ao indivíduo selecionar e interpretar o enunciado em determinados casos conforme seu próprio entendimento dirigido à verdade do texto. Tratava-se de uma corrente que observava o lado mais humano presente na linguagem, concluindo que “a língua é o meio pelo qual se exprime a imperfeição da ideia” (FERREIRA, 2000, p. 55).

Na base teórica dos jansenistas havia uma defesa à tríade texto, situação e sujeito. Assim, “as formas não autônomas não têm significação absoluta, intrínseca: elas a adquirem por uma determinação não-textual” (FERREIRA, 2000, p. 56). Quanto a esse empoderamento ao homem quanto à condução da palavra, é possível relacionar ao convencionalismo apresentado pelos antigos gregos ao evitar o condicionamento alheio às intenções humanas quanto ao domínio de suas palavras. Maingueneau (2008, p. 89) também reforça essa permissibilidade dos jansenistas afirmando que de acordo com esse movimento a enunciação

vinha da dêixis, o significado dependia do contexto, assim a palavra não deveria ser fixa ao entendimento único pois dela vários podem ser tomados por sua própria natureza.

Os jesuítas apresentavam maior rigidez quanto a interpretação dos textos. Para eles, a ambiguidade era observada como equívoco, pois o locutor deveria apresentar um discurso transparente, sem falhas, o que Ferreira denomina como assujeitamento do indivíduo, no qual Pêcheux define como “o sujeito na ilusão de estar na origem de suas próprias palavras” (apud FERREIRA, 2000, p. 55), algo que pode ser visto como uma desconsideração da palavra como uma construção social e as consequentes direções de significados nestas executadas.

A reflexão do pensamento pelos jesuítas permite Ferreira relacionar a intensão desse grupo: “esta concepção fica próxima à posição filosófica do realismo platônico, na qual a linguagem tem uma função instrumental de refletir, de representar a realidade” (FERREIRA, 2000, p. 56). Embora cercados de diversidades, ambas ideias aprimoraram o formação da noção da ambiguidade para a atual linguística, pois há necessidade de ressaltar que analisando de forma sincrônica os textos avaliados pelos jansenistas e jesuítas eram por sua maioria de conteúdo forma, como textos jurídicos e religiosos, o que diverge do contemporâneo cujos textos emitidos possuem fácil acessibilidade por escritores e leitores, ambos em maior quantidade comparado ao público do século XVI, e assim textos emitidos em nossa presente época com grande difusão ao público podem vir de pequenas expressões a grandes artigos de opinião em mídias sociais.

Em estudos contemporâneos, Ferreira (2000, p. 50) ressalta a contribuição de Chomsky em 1975 com a obra “Aspectos da teoria da sintaxe”, o qual apresenta o linguista estadunidense a frase “flying planes can be dangerous”(CHOMSKY, 1975 apud FERREIRA, 2000, p. 50) – uma construção ambígua que surge afeitos apenas na língua inglesa, na qual a terminação “*ing*” costuma apresentar confusão no sentido, sendo compreendida como adjetivo (os aviões podem ser perigosos) ou verbo (pilotar aviões pode ser perigoso).

Diante tal interessante proposta ambígua, esta passou a ser objeto de estudo em artigos que abordavam o fenômeno linguístico, da qual Chomsky apresentava a seguinte linha de pensamento: “se uma frase como essa apresenta um contexto apropriado, o ouvinte a interpretará imediatamente, de acordo com Chomsky, de um modo único, e não conseguirá detectar a ambiguidade” (FERREIRA, 2000, p. 50).

## 2.2. “DOIS EM UM”

Compreendida sua definição conceitual e sua construção na história da comunicação, torna-se mais que necessário discernir sobre o instinto de forma mais ampla, provando assim um complexo fenômeno a ser estudado, e conseqüentemente apresentar em suas manifestações a necessidade de uma maior abordagem.

Inicialmente, a duplicação de significados é dada como resposta a economia de códigos em uma linguagem natural. Essa união de significados nas palavras pode ser compreendida graças ao dinamismo linguístico, o qual uma língua se adapta as novidades trazidas com a evolução da sociedade, como representação da teoria convencionalista já apresentada.

A ambigüidade, sob o manto dos estudos linguísticos, será avaliada sobre dois aspectos, a sua afirmação como figura de linguagem e a sua integração com o princípio da Interpretação Plena.

### 2.2.1. Ambigüidade como figura de linguagem

É necessário compreender como a ambigüidade é realizada antes da compreensão do duplo sentido do enunciado, como um fenômeno linguístico que deve possuir certezas em suas dimensões, e além disso, o seu posicionamento quanto à coerência de palavras de um modo geral. Seria então a ambigüidade algo prejudicial à comunicação? Estaria todo texto, atribuído com tal fenômeno, com máculas que dependem de recursos gramaticais em quaisquer hipóteses?

A resposta é negativa ao absolutismo de uma ambigüidade vinculada com a má interpretação do texto, esta forma que permite ensinamentos desta como vício de linguagem. É sim um elemento que necessita de atenção em seu uso, como qualquer figura de linguagem. Como exemplo, incluir ironia em vários momentos de um debate pode resultar em desconfortos com a comunicação, com uma possível recepção negativa. A ironia vem sempre elencada como figura de linguagem em diversas gramáticas e livros didáticos e possui um poder contundente às intenções do discurso, torna inviável a ambigüidade se manter em uma zona de dúvidas quanto a sua titulação.

Em uma definição vinda de um material destinado a alunos do ensino médio, disponível na biblioteca da Escola de Referência em Ensino Médio Professor Jerônimo Gueiros na cidade de Garanhuns-PE, trouxe ao pesquisador deste trabalho uma grande atenção que permitiu reafirmar a posição de figura de linguagem à ambiguidade.

Em uma seção específica, Luft (2002, p. 114) descreve através de enumerações figuras e vícios de linguagem. O pleonasma é apresentado em ambas classificações, já a ambiguidade é encontrada apenas como vício, como destaca as seguintes definições do autor quanto a figura de sintaxe, no caso o pleonasma: “redundância de termos. Repete-se por meios de determinantes, a ideia já é expressa pelo termo determinado: 1) ver com os próprios olhos, entrar para dentro, sair para fora: núcleo e periferia têm os mesmos traços semânticos – 2) Repete-se em termos sintáticos, contrastando forma analítica (forma sintática: parece-me a mim... Viram-no a ele... Aos outros faltou-lhe coragem” (LUFT, 2002, p. 114).

Quando trata de vícios, Luft elenca a ambiguidade com os seguintes argumentos: “construção tal que permite duas ou mais interpretações semânticas (...), tratar alguém como um príncipe, é uma jóia de mulher, o amor dos pais o conforta (aos pais/dos pais), levar o menino para sua casa, etc.” (LUFT, 2002, p. 114). E nesse mesmo quadro, apresenta o pleonasma em sua versão viciada, no caso o denominado pleonasma vicioso: “construção redundante (...) sem função expressiva mas antes por mau desempenho da linguagem: descer para baixo/subir para cima, nem não pode falar, ninguém deles não falou” (LUFT, 2002, p. 114).

Assim, enquanto a dita figura de linguagem que em si compreende uma repetição de significados, algo não bem visto de forma inicial quanto ao aspecto da coerência, se encontra reconhecida em uma dupla classificação (figura e vício) com base em sua aplicabilidade, a ambiguidade é vista unicamente como danosa à comunicação, mesmo com situações favoráveis construídas através delas, algo que pode ser ilustrado nos seguintes trechos musicais:

“Carlos amava Dora que amava Rita que amava Dito que amava Rita que amava Dito que amava Rita que amava Carlos amava Dora que amava Pedro que amava tanto que amava a filha que amava Carlos que amava Dora que amava toda a quadrilha”. (trecho da música “Flor da Idade” de Chico Buarque, grifo nosso)

“Sonhei. Que estava sonhando um sonho sonhado. O sonho de um sonho. Magnetizado” (trecho da música “sonho de um sonho” de Martinho da Vila, grifo nosso)

É possível perceber elementos que não prejudicam a compreensão dos textos, pelo contrário, enriquecem os seus respectivos conteúdos. O que é compreendido como figura de linguagem reforça o conceito e virtude de um sonho com a repetição do termo, descrevendo uma metalinguagem em uma música carnavalesca. Já o entendido como unicamente vício por Luft em contradição ao fenômeno anterior permite uma plurissignificação no conceito de amor, deixando-o propositalmente vago para as pessoas a qual ele é dirigido. Ambos então se apresentam como valores enaltecendo o discurso, algo que inviabiliza a única direção de vício atribuído a ambiguidade, que não se resume a textos literários como será exemplificados neste trabalho.

### **2.2.2. Questões semânticas**

Para entender a possibilidade de compreensão de mais de um sentido na sentença torna-se também necessário saber como esta opera durante a sua emissão, ficando assim válido o aprofundamento da estrutura de uma sentença ambígua.

Torna-se necessário introduzir a análise estrutural da linguagem, por ressaltar a esta a sua especificidade que a torna uma manifestação refinada da comunicação diante suas complexidades. Esta percepção em estruturas é pronunciada por Mioto, Silva e Lopes (2007, p. 26) na obra “Manual de Sintaxe”, com suas definições sobre a estrutura superficial, em inglês superficial structure (SS), que abordam a união de elementos indispensáveis à linguagem: a sua emissão/recepção dentre os comunicantes que é possível ser recebida através de som ou meios gráficos que a este represente, a sua Forma Fonética (Phonetical Form – PF); fundida com a assimilação lógica que permite a devida compreensão e gramaticalidade em todas as frações do discurso, a Forma Lógica (Logical Form – LF).

Descrito o conceito e elementos que compõe a SS, ressaltam Mioto, Silva e Lopes (2007, p. 27) como a ambiguidade ocorre sob uma ótica estrutural, em que há uma compreensão atípica dentre as duas formas que a constitui: a PF compreende ambas possibilidades como uma única estrutura, tendo em vista que o som emitido é o mesmo e isso não altera o referido item; já quanto a LF, esta entende como a formação de duas estruturas, pois esta se refere ao conteúdo a ser transmitido, que se ampara em uma única ideia na sentença, logo a mudança da finalidade residiria na contemplação de outra estrutura.

Tomando noção das formas que se bifurcam nas estruturas superficial e profunda, Kenedy (2013, p. 118) embasa o sistema de interface com base na combinação das já

mencionadas representações fonética e lógica, tornando a comunicação um além de troca de informações. Desse modo, pelo sistema de interfaces sempre que a união de palavras é direcionada a alguém com intuito comunicativo há o acesso ao sistema articulatório-perceptual, com informações sobre o som a ser decodificado e o sistema conceitual-intencional, que manipula conceitos, referências e valores. O autor então condensa na seguinte definição sobre o sistema de interface:

Muitos cientistas cognitivos concordam em dizer que a nossa linguagem produz representações de som e significado, mas são outros sistemas cognitivos (como nossas intenções, crenças e desejos, os aparelhos fonador e auditivo, etc.) que motivam essas representações e as põem em uso, inclusive para a comunicação. Pois bem, os sistemas cognitivos que acessam a fazem uso das representações do par  $(\pi, \lambda)$  são denominados sistemas de interface. Às vezes, tais sistemas são também chamados pelos linguistas de sistemas de desempenho ou sistemas superiores, (KENEDY, 2013, p. 118)

Com a ciência dos sistemas de interface, a prática de tal conceito com a identificação do uso devido ou prejudicial em palavras uma comunicação encontra-se no Princípio da Interpretação Plena (Full Interpretation – FI), o qual Kenedy (2013, p. 122) define “que uma representação linguística qualquer deve sempre ser concomitantemente legível nas interfaces fonética e lógica”, continuando com a comparação de uma linguagem devida, logo integralmente interpretável, deve passar por dois vereditos, o sistema de pensamento e o sensorio-motor que compõem a interface.

Desse modo, uma frase deve além de ter sua informação fonética compreendida ( $\pi$ ) com a possibilidade de compreensão da frase, de forma equânime deve haver a satisfação com a recepção da informação lógica ( $\lambda$ ) que será interpretada. Assim, uma frase que apresentar ambiguidade, direcionando ao objeto de estudo deste trabalho, é encontrada naquele último elemento, como na frase “a manga do garoto é rosa”, embora a frase independente de qualquer contexto esteja totalmente compreensível ( $\pi$ ), o sistema inerente ao pensamento desenvolve uma duplicidade ( $\lambda+\lambda$ ), logo dependendo do suporte em que esteja essa informação apresentada pode conter uma violação ao FI, exigindo uma reformulação da frase.

Por se tratar de desempenho, o sistema de interfaces concluir afirmar que versando sobre a ambiguidade aborda assim a recepção de vários significados a partir de um mesmo conjunto de palavras emitido, uma multiplicidade construída (in)voluntariamente pelo emissor na fase de competência (formulação interna da frase) e a confirmada a amplitude de interpretações após sua emissão, podendo ter outros fatores como interferência do ambiente externo e conhecimentos prévios do receptor, característicos do desempenho.

Encontrando com a atuação do cognitivo quanto as estruturas da linguagem, definido por Miotto e junto a com a FI explicada por Kenedy torna fácil demonstrar que a

ambiguidade, em termos que exigem objetividade, ocorre sempre com uma dada incompreensão de sua Forma Lógica, que se duplica em uma mesma frase, mantendo sempre compreensível ao sensorio-motor.

Através da compreensão de fatores internos que constituem a ambiguidade, com a percepção de uma frase coordenada por sistemas de uma interface, torna-se necessária a abordagem dos elementos que são presenciados no referido fenômeno.

### 2.3. POLISSEMIA E HOMONÍMIA

Elementos caracterizadores da ambiguidade mais percebidos em estudos da figura de linguagem, homonímia e polissemia, possuem conceitos e importâncias distintos. É possível observar que na prática livros didáticos, por exemplo, apenas se limitam a estes visando a definição da ambiguidade com foco meramente prático, o que torna um limitador ao conhecimento da ambiguidade por limitar a absorção de conhecimento referente apenas a seus componentes. Isso torna o aprendizado incompleto da figura de linguagem em destaque nesse trabalho.

#### 2.3.1. Polissemia

Essa manifestação de ambiguidade ressalta uma das características mais importantes da língua natural, a economia de palavras. Permitir que uma mesma palavra possua vários significados distintos é ressaltar o fator que qualifica a comunicação humana de uma simples comunicação animal. Não se trata apenas de notar a concisão de várias palavras que se coletivizam em uma, mas a de confirmar a capacidade criativa na criação e manutenção de uma língua.

Embora compreendida como “a propriedade do signo linguístico que possui vários sentidos” (DUBOIS, 2006, p. 471), a polissemia se coloca em necessidade de maior observação quanto aos seus aspectos, pois é vista além de um duplicador de sentidos, sendo encontrado como um importante recurso estilístico.

Tem-se como fonte que dá início a suas explicações mais específicas da polissemia com a “mudança de aplicação” (ULLMAN, 1964, p. 331), que atribui a fator humano referente à modificação de comunicação.

Em julgamento do autor deste trabalho seria esta fonte o carro chefe da polissemia como uma manifestação mais visível de ambiguidade, pois o contexto, forte fator humanizador do discurso, é o responsável em portar uma simples palavra com conteúdo semântico. Na definição inicial desta fonte, Ullman ressalta que “as palavras têm um certo número de aspectos diferentes, de acordo com o contexto em que são usadas” (1964, p. 331), complementando ao afirmar que tais transformações podem ser tão passageiras como permanentes ao se incluir como significado.

Ressalta Ullman (1964, p. 331) que a incidência dessa fonte de polissemia ocorre principalmente nos adjetivos, tendo em vista que o acréscimo de novos significados a este também alteram o substantivo ao qual se encaminha, uma reação em cadeia que altera o sentido de toda uma frase

Em nossa língua podemos destacar o uso do termo “irado”. Este, como é possível observar em seu radical, provém do termo ira, que representa uma agressiva emoção negativa. Com isso o adjetivo a ser aplicado a uma pessoa a tornaria protagonista de uma situação indesejável, e assim no exemplo “o padre Henrique é irado”, dito em épocas passadas conferiria ao sacerdote uma característica inclusive contrária às suas próprias pregações, imergindo-o ao pecado da ira. Assim, com os novos ganhos semânticos, hodiernamente a sentença “o padre Henrique é irado” também passa a atribuir ao personagem uma característica positiva diante suas realizações, restando assim impossível confirmar uma substituição semântica, dado que o padre pode tanto estar aparentando estado de raiva como fazer um grande feito diante uma linguagem de uso comum dos jovens.

Blecula (1979, p. 56) afirmava que o desenvolvimento histórico de uma língua permite coincidências, como neste exemplo apresentado, permitindo numa mesma frase uma dubiedade de necessária intervenção do contexto por não haver a alteração estrutural em frases de sentidos diversos. Como aplicação ao conceito de adição de significado a determinada palavra continuemos com o termo “irado”, e a conseqüente inclusão positiva e popularização do termo nos seguintes títulos de livros:

- Pecadores nas Mãos de um Deus Irado, de Jonathan Edwards (1741);
- Angry Birds Space – Um Voo Irado até a Fronteira Final, de Amy Briggs (2012).

Desse modo, não é possível confirmar que ocorreu uma substituição quanto ao valor semântico, o que ressalta ainda mais a importância do contexto na significação de uma palavra.

De acordo com o lecionado por Blecua (1979, p. 56) como resultado da polissemia temos a economia do código, com palavras de diferentes funções sintáticas ou que por questão de contexto se diferenciam, como nos exemplos acima apresentados.

Uma segunda fonte para a polissemia, de acordo com Ullman, seria a “especialização num meio social” (1964, p. 334). Nesse ângulo, uma palavra possui diferentes aplicações diante o uso do interlocutor, que diante suas qualificações sócio-profissionais atribuem significação restrita a um termo determinado, o que Ullman define haver uma determinância e a opção de como usá-la como “o significado geral na linguagem e sentidos especializados em esferas mais restritas” (ULLMAN, 1964, p. 334).

A prática permite que vários exemplos possam ser apresentados, dentre este refiro um de importante destaque à palavra competente. Em uma conversa entre um juiz de Direito, possuidor de notável conhecimento em tal seara, com um leigo, apresenta o magistrado a impossível participação em julgamento cuja matéria a ele não se designa, e diante de sua limitação profissional o juiz responde: “não sou competente para isso”. Entretanto, o leigo surpreso diante tal afirmação, alega a capacidade do magistrado em julgar por acreditar em sua experiência profissional, retrucando com: “o senhor é competente sim”. O caso torna-se engraçado após explicações baseadas na falha da comunicação, mas não descaracteriza a séria abrangência da polissemia que modifica os rumos do discurso sem acréscimo de qualquer termo, ultrapassando o posicionamento contextual dos comunicantes.

Desse modo é seguro afirmar que há diferenças em uma mesma palavra graças ao seu uso diante uma ciência que a molde, o que não faz a competência avaliada no ponto de vista jurídico: “faculdade juridicamente atribuída a uma entidade ou a um órgão ou agente do Poder Público para emitir decisões” (SILVA, 2005, p. 479) não é a mesma idealizada no campo da linguística:

“O que permite ao falante decidir, então, se uma sentença é gramatical ou não, é o conhecimento que ele tem e que tem o nome técnico de competência. Quando o falante põe em uso a competência para produzir as sentenças que ele fala, o resultado é o que chamamos tecnicamente de performance (ou desempenho)” (MIOTO, SILVA e LOPES, 2007, p. 21).

Breal consegue definir a polissemia ressaltada no meio social “como uma espécie de taquigrafia verbal” (apud ULLMAN, p. 334). Equiparar a taquigrafia e seu uso de símbolos que visa a agilidade e economia no registro de um discurso é uma validação do uso de uma mesma palavra com múltiplos significados simbolizados em suas semelhanças. Afinal, em

comparação a palavra competente se traduz na capacidade de alguém em realizar ação determinada pelo contexto.

### 2.3.2. Homonímia

Enquanto a polissemia é imediatamente definida como a duplicação do significado do léxico decorrente da variedade de sentidos, a homonímia realiza tão função baseada na semelhança na sonoridade e/ou escrita da palavra.

Por sua vez, em uma definição etimológica, um termo homônimo: “No léxico, homônimo é a palavra que se pronuncia e/ou que se escreve como outra, sem ter porém o mesmo sentido” (DUBOIS, 2006, p. 326). Apontar a concentração de palavras de diferentes origens em manifestação gráfico-sonora única apresenta de *per si* uma certa confusão, sendo uma manifestação de ambiguidade que exige mais atenção, pois tende a advir de equívocos.

Como subdivide de forma simplificada, para Oliveira (2012, p. 18-20) a homonímia é conceituada em três formas: homográfica, quando a coincidência se encontra unicamente em sua grafia; homofônica, havendo igualdade de caráter fonológico; e os homônimos perfeitos, na coincidência gráfica e sonora. Quanto a esta última subdivisão, destaca-se, entre vários os seguintes exemplos de sua obra:

“A ONU sempre cede às pressões de americanos (verbo)

A sede da ONU fica em Nova York (substantivo)” (OLIVEIRA, 2012, p. 21)

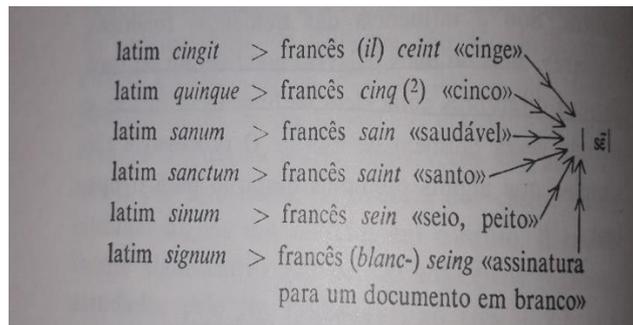
Os casos apresentados envolvem homofonia, na qual há uma perfeita semelhança fonológica em palavras de grafia diferentes. Interessante perceber que em ambos exemplos recaiam ao mesmo sujeito, podendo inclusive serem narrados em sequência. Essa coincidência ressalta a economia de palavras na qual a língua natural se faz tão necessária, que desnecessita de um léxico com tantos elementos.

Assim como a polissemia, Ullman também disciplina o seu estudo em fontes das quais de igual forma serão destacadas neste trabalho. A “convergência fonética” (1964, p. 365) se resume na união do entendimento de duas ou mais palavras diante a língua falada, tendo em vista que na forma escrita diferenças podem ser confirmadas facilmente, assim como o seu sentido chave. Outro fator também destacado por Ullman (1964, p. 366) é a maior incidência

dessa fonte de homonímia em termos monossilábicos, o que de imediato pode ser exemplificado com a palavra “são”, que na língua portuguesa apresenta vários significados, permitindo que esta palavra de significados variados seja encontrada em diversas frases, gerando assim ambiguidade quando dentre estas duas ou mais se coincidam em colocações semânticas.

Como visto, a palavra “são” em nossa língua pode possuir vários significados, para uma compreensão de como a homonímia pode ser visto como uma manifestação de ambiguidade que exige cuidados, na língua francesa a sílaba fonética /sɛ/, como é possível visualizar na demonstração gráfica apresentada por Ullman (1964, p. 366):

Imagem 01: organograma de palavras com a mesma sílaba fonética



Fonte: (ULLMAN, 1964, p. 366)

A modificação de palavras diante o movimento de uma renovação da língua pode ser incluída nessa designação, o que torna palavras de mesma grafia e/ou sonoridade diversas em sua significação frente a evolução do sistema linguístico já internalizado.

Quanto a essa progressão relacionada com a homonímia há um exemplo de dimensão mundial referente a ambiguidade presente em termos que ganham nova significação, presente em um conto de conhecimento global na literatura infanto-juvenil. De acordo com pesquisas feitas por Blecua (1979, p. 57), no conto de fadas da princesa Cinderela, inicialmente fora escrita em francês antigo, cujo ponto elemental da narrativa foi alterado diante a semelhança da sonoridade de duas palavras na progressão para o francês atual, não alterando de forma radical a narrativa, mas modificando um elemento que permite uma nova idealização de um objeto.

Em francês antigo existia a forma *vair* «multicolor, variado», que evoluiu foneticamente até confluir com *verre*, «cristal»; esse o motivo pelo qual no conhecido conto da Cinderela o sapatinho da protagonista era a princípio «multicolor, de cor indefinível» *vair*, e ao confluir essa palavra com *verre*, «cristal» e desaparecer a primeira palavra, o sapatinho de Cinderela começou a ser de cristal, tal como hoje conhecemos o conto infantil (BLECUA, 1979, P. 57)

A ambiguidade encontrada no conto ocorre apenas na época de transição do francês antigo para o atual, porém é permitido concluir que a divisão de significados não influenciou diretamente para a conclusão do conto, apenas na ampliação de possibilidade de sua condução, fazendo com que os leitores pudessem ter uma nova dimensão do objeto chave que tornou uma simples e injustiçada donzela em princesa.

A homonímia fica assim conhecida pela multiplicidade produzida não com a constituição da própria palavra, mas da representação a ser produzida pelo receptor, seja já definida pelo contexto ou por sua seleção que se adapte à interpretação idealizada pelo emissor. No entanto, fica evidente que a homonímia se revela como uma ambiguidade que requer mais cuidados em sua elaboração, pois como visto nos exemplos acima o sentido pode ser tão facilmente relacionado com a composição da sentença assim como confuso diante a autonomia conflitante de vários intérpretes.

Assim, a homonímia torna-se mais produtiva em palavras utilizadas quanto à contemplação de sua plurissignificação em textos que se permitam ao jogo de palavras, como poesias e de fins humorísticos, revelando através da homonímia uma ambiguidade como recurso estilístico que ao mesmo tempo exige cuidados como na aplicação de qualquer figura de linguagem. Essa defesa é nutrida com argumentos de Palmer ao citar que: “a homonímia só causa perturbações linguísticas quando ocorre entre palavras que em determinados contextos causariam equívocos” (apud ULLMAN, 1964, p. 376).

Conhecendo ambas manifestações de ambiguidade, Ullman defende preferência pela polissemia diante a homonímia ao afirmar: “é impossível imaginar uma língua sem polissemia, ao passo que uma língua sem homónimos não é apenas concebível: seria de facto, um meio mais eficiente. A segunda diferença é que a polissemia está incomparavelmente menos espalhada que a homonímia” (ULLMAN, 1964, p. 374). O valor dado à polissemia por Ullman ocorre inclusive no uso estilístico da ambiguidade, ao afirmar que “os trocadilhos baseados na polissemia são, no geral, mais interessantes que os de tipo homonímico, uma vez que há mais sutileza em jogar com significados que com ocasionais semelhanças sonoras” (ULLMAN, 1964, p. 390).

### 2.3.3. Comparação entre Polissemia e Homonímia

O estudioso Almeida (1990, p. 187-192) apresenta em seu artigo “ambiguidade lexical” importantes diferenças em todo seu conteúdo entre polissemia e homonímia que merecem apreciação de forma dinâmica, a qual pode ser compilada no seguinte quadro comparativo:

Quadro 01: comparação entre polissemia e homonímia

	POLISSEMIA	HOMONÍMIA
Origem etmológica e breve conceito	<i>Poli+semia</i> , que objetifica o significado do léxico e a sua multiplicidade	<i>Homo+nome</i> , que envolve o significante e a sua identidade.
Perspectiva	Realidade sincrônica, a palavra tem variedade de sentido e só o contexto irá defini-la.	Essencialmente diacrônico, a convergência fônica representa palavras de origens diferentes.
Classes de palavras	As classes de palavras são iguais.	As classes de palavras se divergem.
Relação Sêmica	Diante a oposição de sentidos deve haver ao menos um sema que coincida.	Os semas dentre os resultados são totalmente diferentes.
Significado	Há a amplificação de sentidos de um significante	Os dois significantes possuem identidade.
Exemplo	“Não olhe a mulher dos outros e conserve a sua <u>direita</u> ” (ALMEIDA, 1990, p. 192, grifo nosso)	“Seja <u>paciente</u> na estrada para não ser no hospital” (ALMEIDA, 1990, p. 192, grifo nosso)

Fonte: (ALMEIDA, 1990, p. 187-192)

Com base nesse quadro podemos observar nos exemplos:

- a) Na polissemia: o adjetivo “direita” apresenta duas direções: o caminho que o sujeito deve preservar e não olhar a mulher do próximo, ficando na rota qualificada como direita; ou a qualificação dada a sua própria mulher como direita, mantendo assim a mesma classe de palavras. O sentido da “palavra” direita é então ampliado e há uma

relação sêmica quanto à retidão em ambas. O contexto que irá diferenciar a intenção do conselho dado como exemplo.

- b) Na homonímia: a palavra “paciente” pode ser interpretada como: adjetivo referente a tomar uma atitude calma, pacífica em ser paciente; ou o de figurar a situação de paciente após um acidente de trânsito. De imediato é perceptível a mudança de classe de palavras e a não associação de semas entre elas. Como homônimos perfeitos representam palavras de mesma som e grafia com significados totalmente diversos.

Ainda no tocante a essa relação, Oliveira faz o seguinte apontamento: “Essa reflexão acerca da diferença entre homonímia e polissemia interessa aos estudantes de Letras, que podem se tornar poetas, romancistas, jornalistas ou consultores de uma agência de publicidade, funções que lidam com as palavras e com seus significados de forma consciente” (OLIVEIRA, 2012, p. 22). Porém presumo desnecessariamente restritivo o interesse designado pelo autor, tendo em vista que demais searas podem tomar por interesse do tema, afinal por exemplo na área do Direito o conhecimento sobre esses pontos é fundamental para os cuidados em evitá-los, ou na Psicologia e a compreensão das expressões humanas. O que diverge é apenas o intuito de aplicar a ambiguidade ou não, porém o conhecimento desse ponto é totalmente necessário.

#### 2.4.VAGUEZA

Os pontos anteriores abordam a amplitude semântica frente a composição de uma palavra, seja diante sua gama de significados ou das direções deste com a interpretação do leitor. Porém, é possível o intérprete se deparar com sentenças que embora possuam significado linear em todos os seus constituintes ainda assim permite uma abertura de várias possibilidades quanto ao seu uso, ficando assim a ambiguidade representada não em questões mínimas de estrutura, mas na permissibilidade de situações devido a não precisão estabelecida na frase. Um “cheque em branco” do qual o beneficiário é permitido a completar ação do emitente, definindo assim o seu valor.

A vagueza é uma forma de amplificação de sentidos não muito visível em estudos semânticos, que por oras se confunde com a ambiguidade. É perceptível a ausência de seu ensino durante o período escolar, acompanhando a também baixa intensidade do estudo da ambiguidade, um dos pontos de maior defesa deste trabalho. Assim, mantém-se comum o

estudo apenas da homonímia e da polissemia, muitas vezes estas sendo a definição da ambiguidade como visto anteriormente. Apesar do pouco reconhecimento, a vagueza possui como grande estudiosa a linguista Kempson, a qual além de seus estudos significativos para a compreensão da ambiguidade, seu trabalho diante a vagueza é abordado através de tipos, os quais serão destacados os de maior importância à constituição deste trabalho.

A vagueza referencial (KEMPSON, 1980, p. 126) trata de um significado que depende de uma especialização, ou seja, devido a elementos comuns em um grupo lexical a falta de qualificação que define o selecionado permite o enunciado formular vários objetos.

Em um caso hipotético, um perito pode ser impreciso na descrição de uma fazenda ao declarar: “nesta área contém cinquenta semoventes”. Semovente refere-se a uma espécie de bem móvel que pode se mover por vontade própria, no caso em tela recai a animais da fazenda, no entanto isso abre um leque de possibilidades diante a diversidade de animais que presentes em uma fazenda. A ambiguidade decorrente da vagueza direciona a interpretações não apenas para presumir de que animal ele relata, mas também a quantidade de cada um desses no conjunto de cinquenta semoventes, podendo haver vários tipos de animais como também um coletivo de uma única espécie.

Na indeterminação do significado a vagueza não se insere mais no objeto, pois de acordo com Kempson não há uma “certa relação da associação entre ‘possuidor’ e ‘possuído’” (1980, p. 127). Ressalto dentre os exemplos extremos, apresentados pela autora, o uso da preposição “de”, a qual por um lado evidencia a natureza da propriedade da sentença e no entanto devido a sua versatilidade permite diversas interpretações ao discurso de posse.

Focando em um dos exemplos apresentados pela autora torna-se muito didático o uso da frase “o trem de João”. Nela várias conclusões podem ser retiradas em apenas uma frase isolada, podendo ser: apenas a apresentação de um meio que ele usa para se deslocar; o que ele irá tomar em determinado momento; veículo o qual ele é o maquinista, condutor ou até mesmo proprietário; pode também ser uma criação sua que pode provir de um projeto seu como engenheiro ou um desenho rabiscado por uma criança; entre várias maneiras que tenha como fator um agente possuidor e a coisa a qual este possua.

É importante ressaltar que esse tipo de vagueza não é absoluto em qualquer aplicação, pois cabe a aplicação do contexto que irá definir seu uso, com a ligação de informações anteriores e posteriores que podem selecionar sua aplicação. Porém, a vagueza

pode ser ainda permanecida mesmo com o contexto que ilumina a frase, como pode ocorrer dúvida ao ouvinte, com base nos resultados apresentados em parágrafo anterior, quanto à relação de João e o trem em uma apresentação do personagem em relação ao veículo e seu emprego, e novamente poderá ocorrer ambiguidade quanto ao significado da relação de posse ao ficar permitido optar a João ser maquinista, condutor ou proprietário do trem.

A vagueza é uma forma mais sutil que a ambiguidade quanto a multissignificação, pois diverge da homonímia e polissemia que são visualizadas de forma mais imediata com a ampliação de significados a partir de uma palavra, e ainda dentro de seu campo a vagueza possui uma forma muito mais restrita que as já analisadas, um outro tipo descrito por Kempson como a falta de especialização no significado do item (1980, p. 127), a qual embora possua um significado definido e claro, a carência de especificidade torna o significado da frase bastante geral, abrindo possibilidade para diversas complementações.

Como embasamento a esta forma de vagueza, ressalta Kempson: “pode-se argumentar que a falta de especificação em si não causa necessariamente vaguidade, mas como exemplos desse tipo são quase sempre confundidos com ambiguidade, achamos melhor incluí-los aqui” (1980, p. 127). A ambiguidade pode estar aparente por haver um verbo definido em uma frase que não dependa de complementações para ser compreendida, no entanto abre possibilidade para realização de diversos atos com tal verbo definido.

Dentre suas exemplificações, destaca o verbo “fazer”, que mesmo possuindo uma função determinada, demonstra uma ação criativa, a natureza da frase não é específica, como na frase “fiz a sala de estar”, na qual defende a linguista que vários atos podem estar contidos nessa frase, como pintar, limpar, colocar o piso, etc. Diante um verbo com devido significado a vagueza surge por se tratar de “uma ação que envolve esse e objeto. Mas a natureza dessa ação não é especificada” (KEMPSON, 1980, p. 127).

### 3. TIPIFICAÇÃO DA AMBIGUIDADE

Exploramos os elementos que constituem a ambiguidade (relatos históricos e demais percepções realizadas por estudiosos da linguagem), isso prepara a descrição de seus tipos, algo que é mais visível no estudo da figura de linguagem e que igualmente matém grandes detalhes a serem avaliados, de tamanha importância ao estudo da semântica, reafirmando o estudo do fenômeno linguístico subestimado por sua pouca exploração.

#### 3.1.AMBIGUIDADE LEXICAL

Basicamente em todos os estudos essa forma inicia a tipificação da ambiguidade, tanto por sua maior ocorrência como uma tácita contemplação de seus efeitos provenientes de uma pequena partícula da frase, o seu léxico. Assim, tem-se a ambiguidade lexical quando apenas uma palavra encaminha a multiplicação de sentidos, como podemos observar no exemplo: “Ela estava em minha companhia” (DUBOIS, 2006, p. 45, grifo nosso)

A escolha por uma palavra que destina o sentido de toda sentença é dada no permanente objetivo de qualquer conjunto frasal, a verdade, no caso diante duas formas lógicas que condizem com esse alvo.

Tal opção é resultado da disjunção presente na ambiguidade a qual visa a exclusão de um elemento por outro, tornando incompatível a inclusão de ambas as possibilidades em uma mesma frase. É algo que Chomsky (2006, p. 28) ressalta, evidenciando assim uma agramaticalidade diante a incompreensão de tal exposição por não conseguir se adaptar ao processo realizado em nosso cognitivo com a seleção tão imediata de palavras a serem incluídas em uma ordem já programada para a frase, ao argumentar que nós não podemos após leitura de frase ambígua formular frase com base na compreensão simultânea de ambos resultados em uma única frase. Para melhor exemplificação, o linguista exemplifica seu conceito com a seguinte frase: “*I disapprove of John’s drinking*” (eu desaprovo a bebida de John), que pode ser interpretada como:

- “*I disapprove of John’s drinking the beer.*” (Eu desaprovo o John bebendo cerveja) Ou
- “*I disapprove of John’s excessive drinking*” (Eu desaprovo a bebida de John em excesso) (CHOMSKY, 2006, p. 28)

Chomsky insere frase completamente agramatical que comprova a impossibilidade narrada acima: “*\*I disapprove of John’s excessive drinking the beer*” (*\*eu não aprovo John em excesso bebendo cerveja*) (CHOMSKY, 2006, p. 28), reafirmando assim que as formas descritas acima de interpretação é a que devem ser seguidas, mencionando a importância dessas frases como a expressão de conhecimentos já adquiridos por cada pessoa: “*attributing this system of rules to the person who knows the language, as one aspect of his knowledge*” (Atribuir este sistema de regras para a pessoa que sabe a linguagem, como um aspecto que de seu conhecimento) (CHOMSKY, 2006, p. 28).

### 3.1.1. Divergência na ambiguidade lexical no tocante à disjunção

Ao entrar no campo da disjunção, a ambiguidade lexical demonstra que não se trata apenas de um léxico e a relação de seus significados. A disjunção, como uma aplicação da Linguística da lei da inércia dos campos da Física, impede que dois léxicos e seus diversos significados sejam inseridos conjuntamente em uma frase, obrigando o enunciado optar por apenas um sentido. Como reflete Ferreira sobre a aplicação da disjunção na sentença ambígua: “aquela configuração linguística cuja significação se constrói pela disjunção de dois termos mutuamente exclusivos”. (FERREIRA, 2000, p. 58).

O nosso raciocínio, quanto à execução do sistema de interface, observa duas formas lógicas em uma mesma fonética, e assim abriga uma ambiguidade diante a dupla possibilidade, resultando no significado aplicado e aquela que pode ser desconsiderado, de forma imediata ou mediata de acordo com o contexto e conhecimento do interpretante. Focando nesse significado dispensado, Ferreira (2000, p. 58) alega ambiguidade virtual na qual uma sentença continua ambígua mesmo afastada da realidade com o significado designado na sentença.

Ao abordar a ambiguidade lexical e a disjunção, Ilari apresenta tal argumento em sua definição “só são ambíguas quando o contexto não permite decidir de maneira segura por um ou outro sentido” (1997, p. 60), seguindo com uma série de exemplificações, da qual destaque: “Maria examinou as guelras do namorado e conclui que estava fresco, e ficaria gostoso assado” (ILARI, 1997, p. 60). Afirma assim que esta e as demais sentenças apresentadas presentes em sua obra com a mesma linha não são ambíguas.

De certo modo há uma plausibilidade em seu raciocínio, já que ele visa a aplicação que fazemos ao aderir a opção possível no discurso, e evitar confirmar que Maria namora um

ser humano com guelras e está disponível a se alimentar dele. Porém, torna sua defesa bastante radical ao desconsiderar dos prismas da constituição da ambiguidade: a formação de possibilidades com base nas formações lógicas passadas por imagens fonéticas do léxico em questão; o conhecimento linguístico do receptor ao idealizar todos os pontos narrados pelo enunciante. Acerca desse último ponto, devemos considerar: que reação será tomada quando o receptor da informação conhecimento semântico suficiente, como crianças e pessoas que estão adquirindo o português como uma nova língua, exemplo?

Concordar com a única direção em uma palavra polissêmica é algo possível, destituir a ambiguidade diante uma solução óbvia é bastante extremo, retornando assim ao posicionamento de Ferreira (2000, p; 58) ao adicionar que a disjunção nem sempre será absoluta, que não vai obrigar o intérprete a escolher dentre duas ou mais opções cabíveis.

### 3.1.2. Ambiguidade lexical *versus* vagueza por indeterminação do significado

Outra colisão de ideias que também incorre na ambiguidade lexical refere-se ao posicionamento de Cançado diante um dos tipos de vagueza descrito por Kempson. Ao abordar a ambiguidade reproduzido por preposição, Cançado (2012, p. 74) aponta a preposição como um propulsor de ambiguidade, tratando como itens lexicais “leves” e que pode ensejar em vários sentidos:

Sentenças envolvendo preposições que levam a duas ou mais interpretações são, em realidade, exemplos de ambiguidade lexical. Note que o contexto, nesse caso, não funciona como um especificador de algum dado não explícito, como no caso de vagueza, mas funciona como um selecionador de sentido desejado, como no caso da ambiguidade.

Cançado se dirige à vagueza por indeterminação do significado, na qual Kempson apenas resume a preposição “de” como marcador de posse ao sujeito, no entanto Cançado demonstrta se tratar de uma polissemia ao incluí-la como ambiguidade lexical, pois a preposição embora aponte posse se realiza de vários modos, como a autora destaca uma função específica contida em uma preposição no exemplo abaixo:

- “A Maria veio de São Paulo [...] (a preposição tem que ter o sentido de origem)” (CANÇADO, 2012, p. 74, grifo nosso)

Desse modo, Cançado coloca também em destaque a possibilidade da ambiguidade lexical também a preposições, já que comumente é observada em substantivos e verbos. O caso

da preposição “de” é uma hipótese mais branda, porém há outras que possuem uma extrema diferença de significados, como em “sobre” (que se associa tanto a estar em cima de algo como tratar de determinado assunto) no exemplo seguinte:

- “O João fez a prova pela Maria
- O deputado falou sobre o carro de bombeiros” (CANÇADO, 2012, p. 75)

Analisando a defesa de Cançado, é totalmente plausível a sua concepção acerca das preposições, afinal nestas há uma gama de possibilidade em seus sentidos, e conseqüentemente, na formação de diversos significados. Não se trata da exclusão o raciocínio quanto a vagueza estabelecido por Kempson, pois ainda pode ocorrer um vazio a ser preenchido pelo interprete em frases de pouca definição semântica. No entanto, quando a multiplicidade de sentido decorre de uma frase com preposição, sob essa deve ser direcionada fonte das diversas interpretações, não devendo se atrelar apenas a falta de complementação de conteúdo da frase.

### 3.2.AMBIGUIDADE ESTRUTURAL (SINTÁTICA)

Não tão comum quanto a sua forma lexical, a ambigüidade sintática se dirige não apenas a uma única palavra que condiz a vários entendimentos, essa forma recai a parte da frase, pois incide sobre sua estrutura semântica. Dessa forma, o grupo de palavras (ou sintagma) pode ser avaliado de modos diversos. Essa forma de ambigüidade costuma ser percebida em textos com função mais informativa devido a uma grande mudança na comunicação.

É relacionada com a sintaxe, que em definição de Dubois (2006, p. 559) é a condição de unidade significativa, as regras que definem as partes no discurso. Aplicando esse conceito à ambigüidade seria então a duplicação de sentidos compreendida na organização da interpretação da sentença.

Os textos ao qual se inserem, por ser primariamente objetivo, podem ser compostos por graves equívocos em uma leitura ambígua, como na hipotética descrição jornalística descrita e analisada por Cançado (2012, p. 77):

“O magistrado julgou as crianças culpadas

O magistrado [julga as crianças culpadas]

O magistrado [julga culpadas] [as crianças]”

O diferencial da ambiguidade sintática é a possibilidade de alterar o sentido da frase apenas em sua organização. Por se tratar de estrutura, é exigido mais cuidados ao depender do textos em que se insere, pois diverso do lexical no qual o contexto define o significado, nessa outra forma pode interpretação diversa pode ser tomada, ultrapassando o idealizado com o comunicado.

Ainda sobre o contexto, Fiorin afirma que nas ambiguidades estruturais, mesmo com contexto estabelecido, a compreensão do texto diante a sintaxe é o que apresenta o sentido proposto: “a sintaxe tem como um de seus objetivos o estabelecimento de princípios gerais que se apliquem de maneira uniforme a um tipo de sentença, independente do contexto particular em que ele foi enunciada” (2010, p. 93).

O contextual, o fato que está em volta da frase emitida, é o que diferencia a ambiguidade estrutural da lexical, pois nessa tem como grande influência a divergência no significado de dada palavra. Fiorin exemplifica com a frase: “os meninos comeram as maçãs verdes” (2010, p. 95). Embora possam apontar que o termo verde seja o fator provocador da ambiguidade, é possível notar que o significado desse é o mesmo em várias interpretações, assim, a ambiguidade é apresentada diante o contexto que vai ser aplicada, se o assunto está tratando: das maçãs que são do tipo verde ou de maçãs que por estarem maduras ainda estão verdes.

### 3.3. AMBIGUIDADE DE ESCOPO (SEMÂNTICA)

Mesmo em uma perspectiva estrutural da qual não é apenas um léxico que toma cargo da ambiguidade no texto, a ambiguidade de escopo apresenta a duplicação de sentidos na estrutura semântica da sentença.

Essa forma aparenta mais complexa pois versa quantidade a ser definida na sentença diante expressões relacionadas ao quantitativo. Dentre vários exemplos apresentados por Cançado avaliaremos o seguinte: “Os alunos dessa sala falam duas línguas” (2012, p. 78).

A ambiguidade apresentada na sentença depende da compreensão de suas interpretações, as quais Cançado (2012, p. 78) subdivide em: interpretações coletiva e distributiva.

- a) Interpretação coletiva – a leitura se destina a pluralidade, compreende o máximo, o total de agentes compreendidos na sentença. Desse modo, por essa ótica, todos alunos na sala possuem a habilidade de falar as duas mesmas línguas.
- b) Interpretação distributiva – por esse viés há uma separação, uma diferença entre os agentes, já que como não houve uma especificação se há uma união interpreta-se pela particularidade, permitindo assim a compreensão de individualidade, afirmando que de cada aluno cada uma fale duas línguas diversas.

Ao concluir que a ambiguidade de escopo forme “duas estruturas subjacentes (ou formas lógicas) distintas” (CANÇADO, 2012, p. 79), é permitido perceber que enquanto na sua forma lexical apenas um elemento constituía a duplicação da Forma Lógica, ensejando em duas ou mais frases (estrutura superficial), na estrutural baseada na sintaxe uma forma se aplica a toda sentença, já que diverso da estrutural sintática ela não se reorganiza.

Outra diferenciação da ambiguidade sintática para semântica é apresentada por Santos (2011, p. 04) ao discernir sobre as interpretações como elementos de pluralidade e individualidade que definirão a ambiguidade em análise:

“Diferencia-se da ambiguidade sintática porque esta está ligada à noção de escopo, quando um termo pode ter influência sobre um ou vários elementos da sentença, enquanto na ambiguidade semântica, o termo causador da ambiguidade tem relação com o mundo exterior a que a enunciação faz referência” (SANTOS, 2011, p. 04)

### 3.4. OUTRAS FORMAS DE AMBIGUIDADE

As tipificações da ambiguidade vistas em livros de semântica e artigos se resumem a suas formas lexical e estrutural, ocorre que há mais detalhes na comunicação que permitem a compreensão de novos significados, e que também contribuem para ressaltar a importância do estudo da figura de linguagem em foco.

#### 3.4.1. Ambiguidade por correferência

Com esse tipo a atenção quanto ao uso de pronomes deve ser reforçada, pois o que encaminhará ao outro sentido será a sua direção, pois ambos os agentes na frase são legítimos para ter a referência do pronome.

Por se tratar de referência a algo já escrito na frase, essa forma de ambiguidade tratará de ligações anafóricas ou dêiticas, como afirma Cançado, que exemplifica em uma frase que exige a observação do uso do pronome: “o ladrão roubou a José com a sua própria arma” (CANÇADO, 2012, p 79, grifo nosso). O pronome em destaque faz uso da figura de linguagem anáfora, pois há uma repetição de algum elemento na frase através de uma palavra que o simbolize, resultando em duas possibilidades quanto à referência: está relacionado tanto à arma do próprio ladrão quanto a arma de José.

Aldaw (2018, p. 151) faz um levantamento interessante quando versa sobre a ambiguidade por correferência entre línguas distintas, da qual o estudioso árabe ressalta que quando uma língua possui distinção de gêneros as possibilidades de ambiguidade são reduzidas nessa forma, como demonstra nos exemplos abaixo:

- a) “‘*The boy fell on the chair consequently his leg was broken*’ ‘*The boy fell on the chair consequently its leg was broken*’
- b) ‘*The girl fell on the table consequently her leg was broken*’ ‘*The girl fell on the table consequently its leg was broken*’” (ALDAW, 2018, p. 151)

Como é perceptível, não há ambiguidade quanto a relação do pronome *his* (dele) ao se referir a garoto e mesa (o garoto caiu na cadeira e conseqüentemente a perna dele foi quebrada), sendo atribuída diretamente a ele, já no caso do pronome *her* (dela) pode não ocasionar uma dupla significação na língua inglesa já que ele se encaminha unicamente a pessoa, tendo em vista que para se referir à mesa é utilizado o pronome *its*.

Com isso, traduzindo ao português: “a garota caiu na mesa e conseqüentemente a perna dela foi quebrada” a ambiguidade é apresentada pelo fato do pronome se referir tanto a garota quanto a mesa (que é descrita em gênero feminino também), sendo assim gerada pela falta de pronome que específico objeto e elementos da natureza.

#### **3.4.2. Ambiguidade por atribuição de papéis temáticos**

Nessa modalidade há incidência no verbo, não por possuir mais de um significado porque remeteria diretamente ao lexical, mas pela ação que ele apresenta, da qual pode representar dois meios de sua realização: o sujeito é o agente, que pratica a ação a ele atribuída;

pode figurar na situação de beneficiário ou paciente, alguém praticou por ele a ação a qual ele se intitula ter realizado.

Atividade como fazer as unhas, cortar o cabelo e pintar a casa, tratam de atos comumente escutados em conversas no meio social a qual se inserem esse tipo de ambiguidade. No entanto, na prática se trata de uma ambiguidade quase imperceptível, pois a dúvida quanto a realização do ato raramente é levantada, sendo geralmente atribuídas ao sentido do agente, sem dispensar uma segunda visão, quando por exemplo o enunciante possui pouca perícia em realizar o ato e é questionado sobre autoria.

A amplificação de sentido dado como papéis temáticos é o que reforça Cançado (2012, p. 80) ao afirmar se tratar de uma função semântica em dada sentença. Com base nessa forma de ambiguidade e o já lecionado por Kempson, é cabível aplicar ao exemplo já citado pela linguista inglesa “fiz a sala de estar” (KEMPSON, 1980, p. 127), restando assim tanto uma situação de ambiguidade por papéis temáticos (podendo ser sujeito oculto na primeira pessoa do singular ser agente ou beneficiário) designado por Cançado, pois o sujeito oculto da sentença não é preciso em definir agente e beneficiário; quanto um caso vagueza por falta de especialização no significado do item apresentado por Kempson, por conter uma grande possibilidade de atos impulsionado pelo verbo.

### **3.4.3. Ambiguidade por construções com gerúndios**

Cançado (2012, p. 81) de logo ressalta que embora não seja perceptível pelos falantes esse tipo de ambiguidade, ela é mais ressaltada em manuais de redação, provavelmente a suposição da linguista trate da sua visibilidade em um texto com intuito de ser o mais transparente possível, como na busca pela comunicação de interpretação única dos jusuítas. Semelhante a ambiguidade por escopo, esta também se subdivide em dois fatores, denominados leituras, a ser escolhido pelo intérprete, como recorda Cançado ao apresentar o seguinte exemplo: “Estando atrasado naquele dia, o João não entrou na sala” (2012, p. 81). A presença do gerúndio enseja então em duas possibilidades:

- a) **Leitura temporal:** o conteúdo do texto decorre de uma ação que foi realizada devido o tempo a qual se designa, resultando na interpretação “João não entrou na sala, quando estava atrasado” (CANÇADO, 2012, p. 81, grifo nosso). Com essa leitura é descrito o momento no qual o personagem não realiza o ato.

- b) Leitura causativa: a ação por esse caminho é vista como resultado do ato descrito no verbo em gerúndio ao ser lido como “João não entrou na sala, porque estava atrasado” (CANÇADO, 2012, p. 81, grifo nosso). Agora o fato do personagem não entrar na sala ocorre em virtude do atraso explicitado anteriormente.

#### 3.4.4. Ambiguidade Pragmática

O entendimento de outro sentido pode ocorrer decorrente de uma palavra (nas hipóteses da lexical e correferencial, por exemplo) ou diante toda a construção frasal com as modalidades estruturais da ambiguidade. No entanto, há possibilidade de compreensão diversas de sentidos que parte de sentenças cujos elementos e estruturas não aparentem qualquer desvio de entendimento, mas que unicamente o contexto é capaz de apresentar distinções. Para essas hipóteses é encontrada a ambiguidade pragmática, uma forma pouco explorada e que confunde-se com a forma sintática da ambiguidade.

É possível destacar em Sennet um exemplo interessante que preserva o tipo de ambiguidade em nossa língua. Ao alguém mencionar: “the cops are coming” (a polícia está chegando) (SENNET, 2016, n.p.), sem a explicação de qualquer contexto, várias interpretações podem ser retirados, como sugere também o próprio autor ao inferir de que pode se tratar de: afirmação diante uma pergunta confirmativa, um aviso (como ordem de tocaia para bandidos) ou uma mensagem de alívio para quem solicitou ordem policial. Como podem ser avaliadas, nem o substantivo e nem os verbos auxiliar e principal apresentam qualquer alteração de sentidos, assim como a construção da sentença que é bastante objetiva, apenas a falta de contexto permite aplicar a situações diversas, não se tratando também de vagueza pois há uma limitação de interpretações próprias da ambiguidade.

O exemplo apresentado por Sennet ressalta o fato da diversidade de sentidos ter caráter pessoal, essa ideia por ele iluminada é definida por Penco como uma condição da verdade, alvo contido na Forma Lógica adotada), construída não por fatores gramaticais, mas extralinguísticos, como elucida o estudioso: “*the possibility of a sentence having different truth conditions depending on different intentions held by the speaker and depending on the context of utterance*” (a possibilidade de uma sentença ter diferentes condições da

verdade dependendo de diferentes intenções mantidas pelo falante e dependendo do contexto do enunciado) (PENCO, 2019, p. 113).

## 4. REFLEXÕES SOBRE ENUNCIADOS AMBÍGUOS

Neste capítulo as ambiguidades tipificadas serão novamente abordadas através de aplicações que ultrapassam exemplos didáticos, sendo assim encontradas nos mais diversos meios. Desse modo, conterà após a apresentação dos casos razões do tipo de ambiguidade já defendidas no capítulo anterior, visando assim provar a real necessidade de expansão dos estudos da ambiguidade devido a sua considerável ocorrência fora dos textos acadêmicos.

### 4.1. CASOS DE AMBIGUIDADE NÃO RECOMENDADA

Os limites ao uso da ambiguidade se apresentam também nessa seção, através de situações que prejudicam a comunicação com a possibilidade de outra leitura, outra interpretação. De imediato, não é algo que evidencia a ambiguidade como um mal a ser evitado de conversação em geral, trata-se de uma questão de conveniência, que em comparação às demais figuras de linguagem também não são permitidas a sua aplicação de forma livre em qualquer modalidade textual.

As restrições se dirigem a textos que exigem clareza, uma recepção imediata de seu objetivo, contornadas com o risco de aplicação oposta as suas pretensões devido a permissão de liberdades na compreensão. Desse modo, assim como diversas situações do cotidiano, o prazer de determinados hábitos e costumes devem ser evitados em determinados ambientes, como o humor exacerbado que pode ser desconfortável em lugares sóbrios, uma duplicação de sentidos de fins cômicos podem comprometer a transmissão da mensagem em dado contexto.

Ficará então demonstrado que aplicações não recomendadas ao uso de ambiguidade não a designa como algo a ser combatido, como uma perpétua aplicação jesuíta com a busca constante por textos de sentido único, tendo em vista que mesmo residindo ambiguidade o texto deve possuir ao menos uma linha de compreensão que esteja aderida ao contexto. Assim, seguem casos que ressaltam a importância com a atenção ao uso de ambiguidade nos mais variados meios de comunicação.

#### 4.1.1. “Slogan atípico de um governo atípico”

Através de poucas palavras, que constituem uma frase opulente, o slogan nacional que visa se tornar uma bandeira ideológica de um representante de Estado tem como função ser

um propulsor nos exercícios em seus atos de governo. Suas palavras expressam com base teleológica os rumos de todo um país e os princípios da situação que dele se utiliza. Um caráter negativo podem apresentar em tais palavras uma contradição que macula todos os efeitos citados.

Em breve descrição de movimentações bruscas na chefia da presidência do Brasil em 2016, um *impeachment* arquitetado e uma ascensão inesperada de um vice-presidente gerou um governo incomum que em apenas dois anos de gestão emite a seguinte frase: “O Brasil volta, vinte anos em dois”.

Imagem 02: manchete referente ao slogan adotado pelo Governo Temer

## Temer usa slogan de JK para comemoração de dois anos de governo

“O Brasil voltou; 20 anos em dois” chegou a ser impresso, antes de o Planalto desistir

O Globo  
14/05/2018 - 21:46 / Atualizado em 14/05/2018 - 22:08

Fonte: site do Jornal O Globo

Com breve conhecimento histórico, é acessível aos leitores dessa frase de impacto encontrar semelhanças com a intenção do *slogan* da gestão (1956-1961) presidido por Juscelino Kubitschek: “50 anos em cinco”. Há uma demonstração de evidente comparação com o governo passado em uma frase que remete à eficiência de conseguir em cumprir décadas de objetivos na gestão em apenas 10% de seu tempo.

Entretanto, destacando o verbo da frase em foco, é possível considerar uma ambiguidade lexical em sua aplicação, tendo em vista que ao mesmo tempo que ele comemora anos decorridos de governo, também pode simbolizar regresso realizado em tempo igualmente prodigioso.

Diante a preservação da classe gramatical como verbo em ambas as interpretações há então uma ambiguidade lexical dada por polissemia, tendo em vista que o contexto define a direção da frase: um verbo propulsor aos atos de governo ou de efeito completamente inverso:

- a) O Brasil vai resumir: 20 anos em dois;
- b) O Brasil vai regredir: 20 anos em dois.

Um detalhe interessante e que comprova a importância do uso devido das palavras e uma consultoria constante à área de Letras por parte de qualquer esfera do governo é que as palavras tidas pela presidência da época como revolucionária acabou voltando contra a ela mesma através de discordantes com o governo para o, “Nas redes sociais, no entanto, simpatizantes do PT e da ex-presidente Dilma ironizaram a peça, dizendo que Temer fez o Brasil voltar 20 anos em dois”, como cita reportagem do site eletrônico “O Globo”.

#### 4.1.2. “Quilos de dubiedade”

Na seção criminal de um portal de notícias R7, uma apreensão feita pela Polícia Civil resultou em notícia com a seguinte manchete:

Imagem 03: notícia referente à apreensão de drogas e armas

## Polícia apreende 200 quilos de cocaína e armas em Taguatinga

Duas mulheres e três homens foram presos e mais droga foi apreendida em Goiás

Fonte: site do notícias R7 – Distrito Federal

Há uma compreensão única e direta da notícia, de uma operação realizada com sucesso pela polícia e a prevenção da criminalidade na cidade descrita, no entanto a notícia resulta em dúvidas no tocante ao material apreendido:

- a) “Polícia apreende [200 quilos de cocaína] [e armas]...”
- b) “Polícia apreende [200 quilos de cocaína e armas]...”

Apesar de parecer um detalhe pequeno é possível perceber que diante a ambiguidade estrutural presente na manchete, o leitor possui a razão ao compreender que os 200 quilos correspondem ao total de drogas e junto a elas uma quantidade indefinida de armas, ou também ter como verdadeiro o somatório de 200 quilos para drogas e armas, sendo nesta hipótese o número de armas ser superior ao de drogas.

É sabido que as manchetes possuem uma fonte informativa bastante leve, pois tem como função convidar o leitor à leitura integral da notícia. No entanto, sua apresentação deve condensar o conteúdo, não fugindo assim da verdade nele empregada:

A PCDF (Polícia Civil do Distrito Federal) apreendeu, nesta quinta-feira (8), 200 quilos de pasta base de cocaína em uma casa, no Setor de Mansões de Taguatinga Sul, no Distrito Federal. [...]Na casa - que fica na QSC 19, entre Taguatinga e Samambaia (DF) - também foram apreendidas armas, entre elas uma pistola, uma carabina e uma metroladora [sic] que teria sido roubada da PM (Polícia Militar) do Piauí (trechos de notícia extraída do site de notícias R7-Distrito Federal publicado no dia 08/05/2014, grifo nosso)

A ambiguidade na manchete em destaque poderia ser evitada com o simples deslocamento de palavras, sem haver com isso a necessidade de modificação em qualquer letra de seu texto, como em: Polícia apreende armas e 200 quilos de cocaína (...). Essa possibilidade ressalta a característica da ambiguidade sintática com a sua quebra diante a reformulação dos termos da sentença.

#### 4.1.3. “Uma condecoração entre a vida e a morte”

Dentro da língua portuguesa, a observação da ambiguidade pode ultrapassar o Atlântico com a seguinte manchete:

Imagem 04: manchete da condecoração conferida pelo presidente de Portugal Marcelo Rebelo Sousa

Belém

## Marcelo condecora Miguel Portas no dia do seu aniversário

01 Maio 2017 às 17:55



Fonte: site de notícias português JN

A notícia versa a entrega de condecoração feita pelo atual presidente de Portugal Marcelo Rebelo de Sousa ao deputado Miguel Prado. A dúvida quanto ao conteúdo da manchete trata de haver duas possibilidades de aniversariantes em seu conteúdo, sendo válidas as compreensões dos leitores ao atribuir tanto ao presidente quanto ao deputado.

Ocorre então uma ambiguidade correferencial, na qual o pronome “seu” aponta a ambos a interpretação de estar comemorando aniversário em dado momento. Trata então de

disjunção, pois na comemoração simultânea de aniversário entre eles o pronome seria “seus”, ligados por uma igual relação anafórica no mesmo pronome.

A título de conhecimento, o aniversariante é o condecorado deputado, já falecido no dia da condecoração:

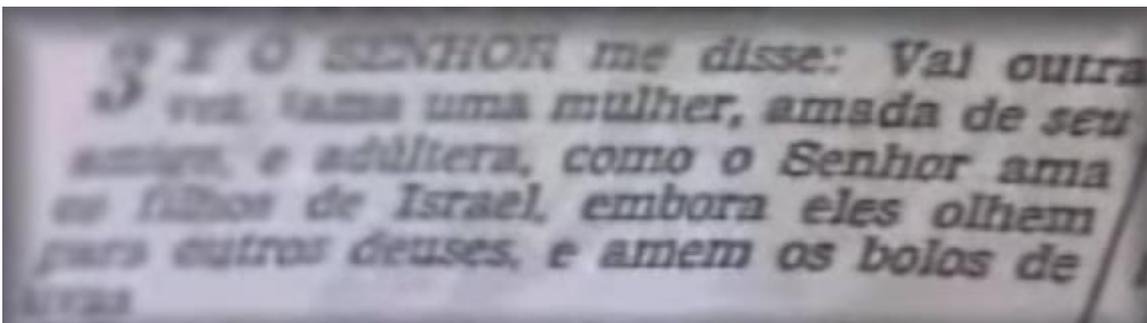
Marcelo Rebelo de Sousa ‘condecorou, sob proposta do primeiro-ministro [António Costa], o doutor Miguel Portas, com a grã-cruz da Ordem da Liberdade’. ‘Essa condecoração ocorre no dia do seu aniversário, passados cinco anos sobre o falecimento (trechos de notícia extraída do site português de notícias JN publicado no dia 01/05/2017, grifo nosso)

#### 4.1.4. “Uma leitura adulterada”

O seguinte caso não é uma aplicação imediata da ambiguidade, mas igualmente evidencia os riscos de uma interpretação equivocada diante uma semelhança lexical. Comentários diversos sobre a aplicações diversas da bíblia podem decorrer dentre vários problemas de compreensão, como não compreensão de palavras que fogem do vocabulário comum, contradições e a já visada ambiguidade, o que recorda a exigência dos jesuítas com a retidão de textos bíblicos.

Exibido em rede nacional através do programa Fantástico, transmitido pela Rede Globo, um pastor justificava ter diversas relações com mulheres da própria igreja alegando uma permissibilidade da poligamia no texto sagrado que utiliza para a igreja a qual ministra, se baseando no seguinte trecho bíblico:

Imagem 05: trecho de vídeo de reportagem transmitida no programa Fantástico, da Rede Globo



Fonte: Youtube

“Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo, e adúltera como o senhor ama os filhos de Israel...” (transcrição da imagem exibida no referido vídeo disponível no YouTube)

A leitura feita pelo pastor foi totalmente errônea ao tornar em verbo o adjetivo adultera (uma aparente homonímia), pois decorre de uma negligência ao acento que qualifica aquela classe de palavra, sendo então devidamente corrigido pelo próprio repórter que o entrevistava de forma imediata.

Como já mencionado, não houve um caso de ambiguidade, no caso em sua forma lexical, pois a palavra é bastante objetiva, porém o fenômeno é demonstrado de forma mediata com a deficiência na interpretação e a aplicação contraditória do texto sagrado. Porém, ele permite a reflexão sobre possíveis ambiguidades lexicais decorrentes da leitura semelhante proveniente de palavras homógrafas decorrentes de mudanças perceptíveis no português brasileiro.

Em assimilação com a possibilidade de compreensão de vários sentidos a partir de uma leitura de palavras semelhantes, Arrais, em sua publicação para o site de notícia Época, apresenta a seguinte situação ocorrida em atos na cidade de São Paulo: “Mais uma obra PARA o transito”, como discorre Arrais (2018. n.p.) no site de notícia Exane. Dessa frase, com imersão na temática ambígua duas interpretações podem ser tomadas:

- a) A obra é destinada ao transito da cidade (quando lida como preposição)
- b) Devido a obra haverá paralizações no trânsito da cidade (quando lida como verbo)

## 4.2. CASOS DE NECESSÁRIAS APLICAÇÕES DA AMBIGUIDADE

A possibilidade de acrescentar sentidos não deve ser restrita a confusões e equívocos, e sim

Considerada acima de tudo como uma capacidade fantástica do cognitivo em conter e formular palavras em seu banco de dado de forma tão célere, em um sistema de interface. Ter ciência de mais de um ponto e interagir entre eles é o que resulta na ambiguidade como figura de linguagem, em um uso estilístico que permite o humor, a publicidade e a extensão do já amplo ambiente imagético da poesia.

### 4.2.1. “Essa salada é minha”

Como os textos a seguir neste subcapítulo, o leitor tenderá a evadir da perspectiva majoritária de significados e se permitir ao entendimento que se desprende do contexto, como na tirinha abaixo que aparenta ser um simples diálogo de restaurante:

Imagem 06: tirinha com piada de restaurante



Fonte: site Le Ninja

No primeiro quadrinho, a ambiguidade pode ser apresentada em sua forma lexical, na qual o contexto seleciona de imediato a interpretação comum, havendo a primeira interpretação possível em “salada do *chef*”, a de criação, já a reação no terceiro quadrinho confirma a outra interpretação com a reação do *chef*, a de propriedade. Com isso, a dupla significação da preposição “de” retoma a crítica de Cançado sob a argumentação de Kempson de vagueza, na qual atribui a preposição “de” a capacidade de possuir vários significados, e com isso, a frase em destaque figura em uma situação de ambiguidade, pois é devidamente especificado todo o conteúdo frasal, havendo apenas abertura a mais possibilidades de interpretação.

Dessa forma, o quarto quadrinho apresenta uma divisão de resultados dos possíveis sentidos tomados com a preposição ambígua. A carga humorística da tirinha também é apresentada nos pratos também oferecidos pelo restaurante com o mesmo traço de ambiguidade na preposição: *general tro's chicken*, *chef's salad*, *meat lover's pizza* e *shepherd's pie*.

#### 4.2.2. “Uma coisa leva a outra”

Com um intuito cada vez mais voltado à interatividade, empresas adaptam seus métodos de diálogo com seus clientes, o que ocorre com a seguinte postagem feita através do Twitter oficial da empresa Ponto Frio, cujo conteúdo foge dos padrões comerciais.

Imagem 06: publicidade de roupa íntima feminina



10:18 AM - 17 de jan de 2018 - Twitter for Android

Fonte: Twitter

Como resposta, uma usuária da rede social apresenta foto que aumenta o apelo à compra de roupas íntimas em promoção, que coincidem em produtos vendidos por uma empresa que se anuncia com proposital personalidade. Focando na resposta da usuária, por contexto mais termos ambíguos, é possível identificar uma ambiguidade lexical que permite as seguintes interpretações:

##### I. Baixei as calcinhas

- a) Os valores das calcinhas foram diminuídos;
- b) As posições das calcinhas foram para baixo da roupa.

##### II. Tô quase dando

- a) O valor está próximo de uma livre cessão do produto;

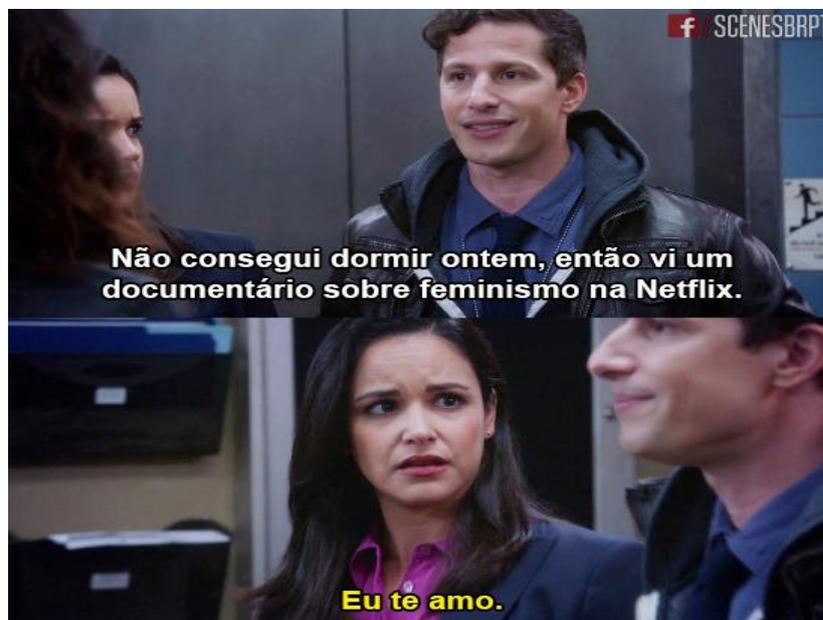
- b) Remete a uma proposta de fins libidinosos.

Embora trate de texto mascarado pelo humor, é possível constatar como as relações de fala se divergem de época anteriores que visavam apenas a apresentação do técnico definido pela gramática e a sua aura de certeza e responsabilidade na expressão de ideias, isso faz com que a ambiguidade relacionada com a informalidade possua como função aprimorar e relevar interesse e relações diversas.

#### 4.2.3. “Eu te amo”

Em uma postagem de uma página do Facebook (Vi nos filmes) dedicada a filmes e séries a imagem abaixo apresentou diversas reações:

Imagem 08: trecho da série Brooklyn 99



Fonte: Facebook

A cena descreve parte do seriado Brooklyn 99. Os personagens (Jake e Amy) em questão são um casal de policiais e o diálogo descrito apresenta duas possibilidades de interpretação sem o conhecimento de seu contexto:

- a) Jake expressa tédio ao assistir documentários sobre feminismo, tratando-os como conteúdo vazio e sonolento, sendo correspondido por Amy com um “eu te amo” irônico;

- b) Com disposição decorrente de uma insônia, Jake aproveita o tempo para assistir documentários sobre feminismo e ficar empático com a causa, algo que agrada Amy com um “eu te amo” verdadeiro.

A recepção de informações tão opostas em um mesmo discurso conclui se tratar de uma ambiguidade pragmática, pois nenhuma palavra apresenta qualquer dualidade nem em seu léxico individualmente e também não possui estruturas que apresentam vários sentidos. A falta de um contexto que a limite, breve conhecimento do roteiro do episódio, e por não ser algo de conhecimento geral, permite o leitor formular conceitos devidamente aceitáveis.

#### 4.2.4. “Plurissignificação”

Durante toda a contemplação ao instituto da ambiguidade é perceptível um esforço ao princípio constante nos estudos acadêmicos de que a leitura não se entende apenas como uma decodificação de símbolos, há fatores extratextuais que conduzem a sua compreensão, como no caso em tela da recepção de diversos sentidos que parte de uma simples palavra a toda construção da frase. Nos caminhos da literatura essa percepção de leitura é responsável por ampliar horizontes, sendo assim indispensável.

Em textos poéticos, a construção ousada de textos e a inclusão de figuras de linguagem fazem parte inclusive de movimentos importantes da literatura. É algo que permite o leitor construir caminhos que não coincidem com resultados de uma leitura geral de um mesmo texto, e com isso a plurissignificação já contida em obras diversas possuem enorme recepção com a ambiguidade.

O poema “Meus Olhos” de Jorge de Lima introduz a dupla aplicação do mesmo léxico de um modo sutil.

“Nossa Senhora, minha madrinha,  
Pinta meus olhos, que eu quero ver  
Verdes os dias que ainda virão,  
Nossa Senhora, minha madrinha,  
Tu vês as coisas verdes, não é?”

Fonte: (ANDRADE, 2014, p. 70, grifo nosso)

Analisando o léxico “verdes” no verso central da estrofe é possível fazer sua leitura por duas formas: como um adjetivo sendo ele visto como a continuação do segundo verso “que eu quero ver verdes os dias que ainda virão”, ou como um verbo com a leitura apenas dirigida no terceiro verso que aponta para uma visão futura através de um verbo ver no infinitivo da terceira pessoa do plural.

A leitura de textos literários não se contém em formas definidas em seus parágrafos, a ambiguidade do mesmo modo que acima foi demonstrada com a leitura do texto sob novos ângulos possui proposta similar no poema “Felicidade” de Vicente de Carvalho.

[...]

Essa felicidade que supomos,  
 Árvore milagrosa, que sonhamos  
 Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos  
 Porque está sempre apenas onde a pomos  
 E nunca a pomos onde nós estamos.

Fonte: site Pensador

A palavra em destaque traz uma nova situação de ambiguidade lexical. Em uma leitura dirigida ao terceiro verso extraímos a primeira interpretação ao termo “pomos”, que possui nessa linha um único sentido como substantivo. No entanto graças a um leito não convencional do texto, há uma percepção de verbos no tempo presente na primeira pessoa do plural no final de todos os versos, e com isso o eu-lírico convida a formação de um novo texto apenas com verbos “supomos, sonhamos, pomos”, se encontrando “pomos” também com única significação.

O que chama atenção à ambiguidade neste poema é a sua formação com o encontro de dois sentidos em uma mesma palavra, como a formação de uma pequena narrativa descrita em verbos sobre o ato que está sendo visado com a descrição dos sagrados frutos da árvore.

## 5. CONCLUSÃO

Resta então confirmar a ambiguidade como importante figura de linguagem que necessita de uma maior abordagem tanto em estudos acadêmicos quanto na formação de leitores, diante o seu uso com a conveniência de seu objeto-alvo assim como no aprimorar da comunicação. Demonstra assim, a característica prática e humana de unir sentidos diversos em uma mesma palavra ou construção frasal, definindo a própria linguagem como um além de conversão de códigos, com adições de elementos extratextuais como o contexto.

Estudar a ambiguidade não se limita a apenas definí-la em algo que acrescente sentidos, pois deve ser visualizada como importante ferramenta para a compreensão da linguagem em sociedade, desde a percepção de verbos modais da antiguidade à ilustração do cognitivo com o processamento de informações contidas por qualquer falante e a sua assimilação no desenvolvimento do processo de fala.

Os resultados com a pesquisa do conteúdo teórico apresentam um universo contido no estudo da ambiguidade com um campo de ideias possível com concordâncias e colisões, que expandem a compreensão de sentidos em um texto.

A ambiguidade fica então destacada como um importante catalizador da linguagem de forma global, como um dos fatores para a modificação e inclusão de significados em palavras. Que deve ter sua percepção de vício eliminada, sendo apenas evitada por questões de aplicações em usos específicos, pois se trata de um uso cognitivo importante de seleção de sentidos, com apreciação teórica e resultados que enaltecem a linguagem como um modo apurado da comunicação humana.

## REFERÊNCIAS

ALDAW, Hassan Musa Mohammad. **The Nature of Ambiguity across Languages**. Disponível em: <http://repository.psau.edu.sa/xmlui/bitstream/handle/123456789/4559/The%20Nature%20of%20Ambiguity%20across%20Languages.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Capturada em 17 de setembro de 2019

ALMEIDA, João de. **Ambiguidade Lexical**. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3839>, capturada em 20 de abril de 2019.

ARRAIS, Diego. **Por que este slogan do governo Temer deu errado?** Professor explica. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/carreira/por-que-slogan-do-governo-temer-deu-errado-professor-de-portugues-explica/>. Capturada em 03 de dezembro de 2019.

BLECUA, José Manuel. **Linguística e Significado**. Rio de Janeiro-TJ: Salvat Editora do Brasil. 1979.

BUARQUE, Chico. **Flor da Idade**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/84969/>. Capturada em 10 de outubro de 2019

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo-SP. Contexto. 2013

CHOMSKY, Noam. **Language and Mind**. 3 ed. United Kingdom: Cambridge University Press. 2006.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. 10ª reimp. São Paulo-SP: Cultrix. 2006. (vários tradutores)

**Falando de ambiguidades**, disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4202>. Capturada em 20 de abril de 2019.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Da ambiguidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurs**. Porto Alegre-rs. UFRGS, 2000

FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística II: princípios da análise**, 4 ed. 3 reimpressão – São Paulo: Contexto. 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciante**. Porto Alegre-RS: Penso, 2013. (tradução: Magda Lopes);

ILARI, Rodolfo. **A nova semântica da ambiguidade**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/nova-digitaliza%C3%A7%C3%A3o-A-no%C3%A7%C3%A3o-sem%C3%A2ntica-de-ambiguidade.pdf>. Capturada em 17 de setembro de 2019

KEMPSON, Ruth M. **Teoria Semântica**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar Editores. 1980. (tradução: Waltensir Dutra)

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto. 2013

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coerência textual/** Ingedore G. Villaça Koch, Luiz Carlos Travaglia. 18 ed., 4ª reimpressão – São Paulo-SP: Contexto, 2015

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. 2º ed. São Paulo-SP: Globo, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MIOTO, Carlos, SILVA E LOPES, Carlos. **Novo Manual de Sintaxe**. 3 ed. Florianópolis-SC: Insular. 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambiguidades**. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4202>, capturada em 20 de abril de 2019.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de Semântica**. 2 ed. Petrópolis-RJ, Vozes. 2012.

PEIXOTO, Maria da Silva. **A linguística antes de Ferdinand de Saussure – uma retomada histórica**. Disponível em: <http://www.uems.br/na/linguisticaelinguagem/EDICOES/09/Arquivos/07.pdf> capturada em 02 de maio de 2019

PENCO, Carlo. **Pragmatic ambiguity and Kripke's dialogue against Donnellan**. Disponível em: [https://pdfs.semanticscholar.org/ce7b/d77f941cdcd0eb85f811f265c634725afe9f.pdf?\\_ga=2.181860263.1858116098.1574881290-1540142452.1574881290](https://pdfs.semanticscholar.org/ce7b/d77f941cdcd0eb85f811f265c634725afe9f.pdf?_ga=2.181860263.1858116098.1574881290-1540142452.1574881290). Capturada em 01 de dezembro de 2019

SANTOS, Hitalo. **Ambiguidade e Tradução**. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/download/13052/7558/>. Capturada em 20 de abril de 2019

SENNET, Adam. **Ambiguity**. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/ambiguity/#PragAmbi>. Capturada em 01 de dezembro de 2019

SILVA, José Afonso da. **Curso de Direito Constitucional Positivo**. 24 ed. São Paulo-SP: Malheiros, 2005

ULLMAN, Stephen. **Semântica**, uma introdução à ciência do significado. 4º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1964.

Vicente de Carvalho- Velho Tema.... Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/ODAyNzMy/>. Capturada em 10 de outubro de 2019

VILA, Martinho da. **Sonho de um sonho**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/martinho-da-vila/287490/>. Capturada em 10 de outubro de 2019

## REFERÊNCIAS – IMAGENS

Imagem 01:

ULLMAN, Stephen. **Semântica**, uma introdução à ciência do significado. 4º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1964. p. 366

Imagem 02:

**Temer usa slogan de JK para comemoração de dois anos de governo.** ‘O Brasil voltou; 20 anos em dois’. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/temer-usa-slogan-de-jk-para-comemoracao-de-dois-anos-de-governo-22682914>. Capturada em 03 de dezembro de 2019

Imagem 03:

**Polícia apreende 200 quilos de cocaína e armas em Taguatinga.** Duas mulheres e três homens foram presos e mais droga foi apreendida em Goiás. Disponível em: <https://noticias.r7.com/distrito-federal/policia-apreende-200-quilos-de-cocaina-e-armas-em-taguatinga-08052014>. Capturada em 30 de outubro de 2019

Imagem 04:

**Marcelo condecora Miguel Portas no dia do seu aniversário.** Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/marcelo-condecora-miguel-portas-no-dia-do-seu-aniversario-6258722.html>. Capturada em 30 de outubro de 2019

Imagem 05:

**Pastor Pedreiro que adultera baseando-se na Bíblia.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8fqDa8RPt0o>. Capturada em 30 de outubro de 2019

Imagem 06:

**Experimente a salada do chef.:** <https://leninja.com.br/experimente-a-salada-do-chef/>. Capturada em 30 de outubro de 2019

Imagem 07:

**Meninaaas, baixei as calcinhas!! Aproveitem!** Disponível em: <https://twitter.com/psicodanica/status/953617429934075905>. Capturada em 30 de outubro de 2019

Imagem 08:

**(postagem sem título em página do Facebook).** Disponível em: <https://www.facebook.com/vinosfilmes/photos/a.345655888784548/3143881508961958/?type=3&theater>. Capturada em 30 de outubro de 2019